

Os guarda-corpos dos séculos XIX e XX nas edificações históricas de Belém (PA): percepção, valores e transformações

Guardrails from the 19th and 20th centuries in the historic buildings of Belém (PA): perception, values and transformations

Suzete Fraiha¹
Flavia Palacios²

DOI 10.26512/museologia.v12i23.43905

Resumo

Este estudo analisa as transformações e os valores atribuídos aos bens integrados no espaço urbano da cidade de Belém (PA, Brasil) procedentes dos séculos XIX e XX, especialmente os guarda-corpos de ferro foram incorporados nas fachadas das edificações do Centro Histórico de Belém (CHB), contribuindo nas transformações arquitetônicas vigentes na época. Porém, estes têm sofrido alterações pela ação do intemperismo e, também, ações antrópicas. Considerando a sua relevância histórica e artística, objetivou-se com o estudo de público compreender as diferentes percepções e valores atribuídos pela população sobre o bem integrado, a fim de compreender valores patrimoniais. Os resultados apontaram que a população reconhece os guarda-corpos como bem patrimonial, atribuindo valor histórico, estético, de uso e simbólico para tais bens integrados e que devem ser preservados.

Palavras-chaves

Guarda-corpos de ferro; valores; bem patrimonial.

Abstract

This study analyzes the transformations and values attributed to integrated architecture elements in the urban space of the city of Belém (Pará, Brazil) the 19th and 20th centuries, especially iron guardrails. During this period, iron guardrails were incorporated into the facades of buildings in the Historic Center of Belém, contributing to the architectural transformations of the city. However, these guardrails have undergone to changes due to weathering and misuse by their users. Considering their historical and artistic relevance, the aim of this audience study was to understand the different perceptions and values attributed by the population on the historical guardrails. The results showed that the population recognizes guardrails as a patrimonial property, attribute historical, aesthetic, usage and symbolic values and that they should be preserved.

Keywords

Iron guardrails; values; patrimonial property.

Introdução

Importantes mudanças ocorreram nas principais cidades do norte do Brasil como Belém (PA, Brasil), em decorrência da comercialização da borracha durante o período de 1879 a 1912 que impulsionou o mercado externo europeu à importação do látex, favorecendo assim, o aquecimento econômico, que impactou nas modificações arquitetônicas, culturais e sociais na região. Diante deste contexto, surgiu assim, a necessidade de reorganização do espaço urbano em razão do crescimento populacional e do comércio, o que evidenciou mudanças em relação à adaptação dos espaços para moradia, às técnicas construtivas,

1
2

à tipologia do material aplicado nas construções e com isso, uma nova ordem se estabeleceu com adesão e a massificação dos produtos provenientes da industrialização.

Belém foi uma das principais capitais do país a se desenvolver economicamente por meio da abertura comercial com outros países europeus, que segundo Sarges (2010) foi determinado pelas necessidades industriais internacionais. A economia se expandiu e junto o sentido de progresso, alimentado pela burguesia, cujo desejo de costume moderno se voltou para os moldes europeus, aderindo à cultura do uso de produtos importados de diferentes ordens como símbolo de prosperidade, higiene e de cidade moderna (COSTA, 1994).

Nesta nova dinâmica que se estabeleceu na cidade, a imagem paisagística arquitetônica se tornou mais eclética com diferentes padrões estilísticos e o uso de diversos tipos de materiais, principalmente o ferro nas edificações, sejam públicas ou privadas, a partir da aquisição de produtos importados.

A partir da relação estabelecida entre exportação e importação, a cidade cresceu com ares europeus, a partir do consumo de produtos industrializados importados para reconstrução do espaço urbano, inclusive de bens arquitetônicos em metais, bastante populares na época (SILVA, 1986), como os dutos verticais para escoamento das águas das chuvas, as bandeiras assentadas em cima das portas, óculos para ventilação da área térrea, porão e, também, os guarda-corpos de ferro forjado e fundido.

A maioria destes bens integrados eram importados, mas também, de possível procedência local e se apresentam até o presente nas fachadas dos prédios no Centro Histórico de Belém (CHB) (Figura 1). Durante a *Belle Époque* (1870-1912), esses bens integrados foram representados como símbolo de modernidade, com função utilitária e posteriormente, como elemento decorativo, disseminado pela industrialização, uma vez que os métodos industriais de produção transformaram, substancialmente, a presença dos ornamentos nas grandes cidades (PAIM, 2000) e se tornaram parte do patrimônio arquitetônico.

Figura 1: Guarda-corpo de ferro na fachada da edificação histórica



Foto: Autoras, 2021.

Neste sentido, os bens integrados nas fachadas históricas, além de fazerem parte da arquitetura dos prédios, serviram, portanto, para expressar a condição social e econômica, na qual determinada classe se encontrava durante o Ciclo da Borracha. Logo, transitavam da condição de fins utilitário à de ornamentação e até de afirmação de status social. Como nos afirma Farrell (2005), passavam a afirmar o status do proprietário como sinal de sucesso e fartura.

Os guarda-corpos de ferro forjados como expressão de proteção e segurança também chamam atenção aos olhos pelas características peculiares que são próprias do labor da forja em poder criar diferentes modelos e padrões estéticos que resultaram da inteligência, criação e execução do artesão na produção do bem integrado.

A beleza expressa nas fachadas acabou adquirindo também, visibilidade pelo apelo estético. Porém, ao longo do tempo, as transformações na paisagem arquitetônica têm sido uma constante, o que tem levado a possíveis descaracterizações do patrimônio, inclusive dos bens integrados de procedência industrializada dos séculos XIX e XX.

Observa-se que os bens integrados permanecem nas fachadas de Belém até os tempos atuais, ganham mais visibilidade, principalmente nas edificações de grande porte, como os prédios monumentais público, que são mais valorizados e se apresentam mais conservados.

Entretanto, na maioria das edificações de propriedade particular, se percebe que, além de diferentes fatores como o intemperismo e ações antrópicas, o uso dos bens integrados para diferentes fins tem-se dado de maneira equivocada, sem qualquer preocupação com a valorização e preservação que segundo Khul (2017) nos aponta que, toda ação numa obra arquitetônica tem repercussão e tem ressonância além do seu entorno. Daí a necessidade de maior conscientização e de formação geral, por parte dos detentores dos imóveis privados para avaliar a importância do patrimônio, pois a falta de preservação se deve pela ignorância, por fatores de ordem econômica e da necessidade de eliminar as construções do passado por considerarem obsoletas (KHUL, 1998).

Diante da realidade da falta de preservação, os guarda-corpos vêm sofrendo o impacto da ação humana com uso inadequado do mesmo, a exemplo, como suporte para fixação de placa de propaganda, remoção do guarda corpo para integração de caixa de condicionado de ar e até mesmo vedação da janela com placas de aço (Figura 2A e 2B), entre outros materiais, além de pinturas feitas sem estudo prévio do material aplicado, muitas vezes incompatível, que descaracterizam as fachadas, pois para os novos usos deve-se levar em consideração suas características a fim de que a nova utilização seja instalada de forma a preservar, respeitar e valorizar seus principais elementos caracterizadores (KHÜL, 2008).

Figuras 2A e 2B: Guarda-corpos com diferente uso e função.



Foto: Autoras, 2019.

Diante deste contexto, o presente estudo teve por objetivo compreender os guarda-corpos de ferro como bem patrimonial a partir dos valores que a população tem atribuído a estes bens culturais arquitetônico, a fim de estabelecer a relação destes com o pensamento dos teóricos da restauração do patrimônio material, a partir dos valores discutidos por Brandi (2004), Riegl (2014) e Vinãs (2010) para preservação desses bens integrados.

A pesquisa sobre os valores atribuídos aos bens integrados partiu de um estudo prévio da documentação dos guarda-corpos de ferro forjado em que foi possível perceber no estado de conservação, diferentes alterações, como corrosão, integração de outros materiais como chapa de aço, vidro, agentes biológicos como vegetação de pequeno e médio porte encobrendo as grades que impedem a visualização e percepção do bem integrado nas fachadas das edificações.

No intento de melhor conhecer o que as pessoas pensam e quais os olhares que se voltam para os guarda-corpos de ferro como bem integrado, se trilhou por caminhos que conduziu a resultados a partir de uma abordagem metodológica por meio da pesquisa de estudo de público, com objetivo de conhecer os valores atribuídos pela população da cidade e relacioná-los com teóricos da restauração.

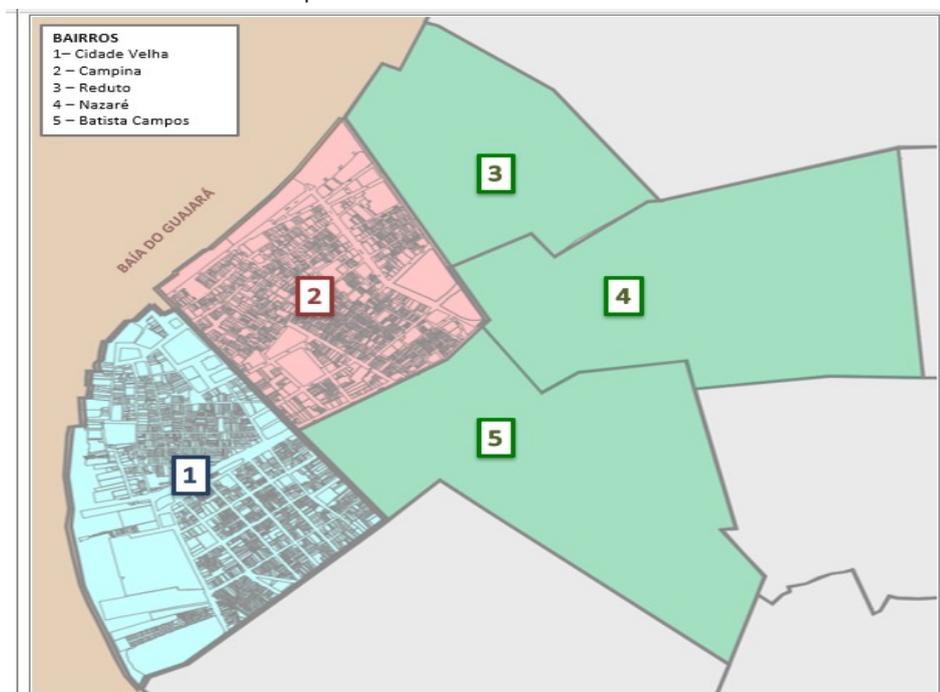
Esses dados serviram de referências para embasar a construção de uma melhor compreensão da população em relação ao patrimônio metalúrgico, em específico os guarda-corpos de ferro das fachadas históricas na cidade, a fim de compreender o processo de transformação deste objeto no âmbito da sua significação construída por diferentes olhares locais e comparar com os valores defendidos até então pelos teóricos da restauração.

Neste sentido, o estudo possibilitou desenhar o quadro atual do significado deste bem cultural frente aos valores vigentes a ele atribuído pela população e poder garantir a sua preservação para a sociedade no tempo presente, bem como para as futuras gerações.

Abordagem metodológica

O estudo foi direcionado para os guarda-corpos de ferro forjado, como bem integrado nas fachadas das edificações no Centro Histórico de Belém (figura 3), do período do final do século XIX e início do XX.

Figura 3: Mapa do Centro Histórico de Belém (CHB): bairros da Campina e Cidade Velha em azul e rosa, respectivamente, e os bairros do entrono do CHB em verde.



Mapa elaborado pelas autoras, 2023

A abordagem foi voltada para coleta de dados a partir do estudo de público sobre os guarda-corpos de ferro com método quantitativo e descritivo (VOLPATO,2011), bem como identificar os principais valores patrimoniais atribuídos aos remanescentes de ferro, bem integrado à arquitetura urbana da cidade, relacionando com as teorias do restauro.

Foi desenvolvido um formulário estruturado no qual constava perguntas com opção de apenas uma resposta, perguntas com escolha de várias respostas e perguntas abertas com possibilidade de respostas individualizadas. O formulário abrange na primeira parte o perfil do entrevistado e questões referentes a percepção e os valores atribuídos sobre os guarda-corpos dirigidos ao público geral por meio da plataforma Google Forms.

A escolha do questionário como estratégia para coleta de dados foi direcionada ao público geral, com diferentes faixas etárias para identificar diversas percepções sobre o bem integrado. O questionário (Anexo I) foi composto de perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha, que permitiu fazer uma única opção de escolha como resposta ou que fornecesse uma gama de opções. Este pretendeu levantar informações e conhecer a opinião dos entrevistados sobre o assunto da pesquisa, a exemplo das perguntas fechadas, nos quais as questões foram referentes à frequência e visitação ao CHB, quanto à percepção dos guarda-corpos nas fachadas, quais os componentes de ferro que chamam mais atenção nas fachadas e se consideram como bem patrimonial.

As questões de múltiplas escolhas, permitiu ao entrevistado eleger mais de uma opção como resposta e as perguntas abordadas foram ao que se refere

aos tipos de componentes de ferro que chamam mais atenção nas fachadas e quais os principais valores atribuídos. As perguntas abertas foram as questões feitas para que os entrevistados respondessem de maneira mais pessoal, foram elaboradas para saber o que eles julgam necessário para a preservação do bem integrado e quais seriam suas justificativas ao considerar o guarda corpo de ferro como bem patrimonial.

A pesquisa de público tornou-se uma ferramenta de grande valia para conhecer o que a população pensa sobre os guarda-corpos de ferro nas fachadas, que possibilitou estabelecer uma relação dos valores vigentes no presente com os valores pensados por alguns principais teóricos da restauração como Riegl, Brandi, Viñas e outros teóricos sobre o patrimônio.

Resultados e Discussões

Os dados analisados neste trabalho por meio de estudo de público com 125 entrevistados, conduziram a resultados que possibilitaram conhecer as múltiplas linguagens interpretativas do público em relação aos guarda-corpos de ferro das fachadas das edificações históricas e estabelecer uma relação com os valores discutidos pelos teóricos da restauração.

Diferentes percepções sobre os guarda-corpos de ferro de Belém (PA).

As informações extraídas por meio da pesquisa de público, permitiram conhecer os diferentes olhares com interpretações multissensoriais expressos pelos entrevistados sobre os guarda-corpos, com relação à importância destes como bem integrado e dos valores a eles atribuídos, assim como, compreender o grau de relevância que estes objetos revestidos de significados representam para população dentro do contexto da cidade.

Dentre as diversas respostas encontradas neste estudo podemos observar que, de maneira geral, os entrevistados referem-se aos guarda-corpos de ferro como bens integrados que fazem parte do conjunto arquitetônico das edificações, têm relevância histórica como bem patrimonial e devem ser preservados para as futuras gerações. Além de possuírem valor de memória e artístico, estes definem, também, as características das fachadas das edificações históricas e que carregam significados que são suporte de informações sobre a história da cidade.

Os entrevistados transeuntes ao se referirem aos guarda-corpos, geralmente, se utilizavam, quase das mesmas expressões, tais como: valor histórico, bem integrado, patrimônio, riqueza histórica, testemunho, bem cultural e memória.

A pesquisa abrangeu um público bastante diversificado, entre as faixas etárias de 17 a 78 anos. O maior grupo alcançado foi de nível superior completo, dentro de um número total de 125 entrevistados, atingindo na estatística 82,1%, seguido de 17,1% com formação de ensino médio completo e 0,8% fundamental completo. No intuito de saber com que frequência a população costuma visitar o centro histórico, constatamos que 50,4% frequentam pouco, enquanto 41,6% da população frequenta muito e apenas 8% quase nunca vai ao CHB.

Esses dados nos instigam a pensar que embora o centro urbano como polo comercial tem o potencial de concentrar pessoas e de aglomerar, ainda assim, a frequência é apenas de forma pontual e espontânea, dentro de uma perspectiva temporária, com fins de relações comerciais, pois a ausência de respeito aos códigos de postura, como ruas e vias de acesso aos espaços comerciais

tomadas por barracas de ambulantes que resultam na dificuldade de circulação, além dos meliantes acabam, por fim, afastando a população de circular livremente e com segurança pelas ruas do CHB.

Embora a pouca frequência da população no CHB, é possível observar que há uma percepção do seu entorno, da paisagem arquitetônica e um olhar diferenciado aos seus bens integrados como patrimônio. Uma das entrevistadas, museóloga, 23 anos, ao se referir aos guarda-corpos expressa que: “São artefatos que auxiliam a compreensão de como era a produção dos ornamentos metálicos no século passado”, permite ao entrevistado, deslocar um olhar mais atencioso e perceber, embora sem conhecimento específico, os materiais construtivos e exercitar a capacidade de interpretação sobre esses elementos presentes na paisagem urbana.

Neste sentido, a habilidade de interpretação dos entrevistados em relação aos guarda-corpos conduz a ampliação da capacidade de compreender o entorno e não precisar de conhecimentos específicos para tal, basta a capacidade de observação e análise dos objetos (HORTA et al, 1999).

A visibilidade dos ornamentos metálicos, como bem integrado nas fachadas, muitas vezes, passam despercebidos por aqueles que transitam pelo CHB, exceto aqueles presentes nos edifícios mais imponentes, considerados monumentais, que mais chamam atenção aos olhos dos observadores. No entanto, ao questionar quais os componentes integrados em ferro que chamam mais atenção nas fachadas, os entrevistados tinham a opção de escolher mais de uma alternativa na resposta, o que resultou nos seguintes dados estatísticos: os guarda corpos foram apontados pelos entrevistados, com 81,6%, seguido das bandeiras com 28,8%, os dutos verticais com 28%, óculos com 14,4% e pingadeiras com 13,6%.

Esses principais bens integrados percebidos pela população foram aplicados nas fachadas para o exercício de uma função primeira, utilitária, a exemplo dos ductos verticais para drenagem de água, o óculo que permite aeração dos espaços internos como os porões, bem como os guarda corpos de ferro que tinham a função de proteger, delimitar o espaço entre interno e externo. Entretanto, ganharam, posteriormente, notoriedade pelo valor decorativo, de ornamento, a fim de tornar as fachadas mais graciosas e expressar a significância do prédio, seguido da função semântica, de transmitir significado e mensagem social (FARRELL, 2005).

Neste sentido que, o olhar do entrevistado, bacharel em direito, 29 anos, expressa que os guarda corpos “além do aspecto histórico, também agregam o valor estético às edificações antigas”, se voltou para os desenhos que chamam atenção por potencializar a estética e a expressividade da construção ou até mesmo pela variedade de desenhos existentes como percebido pelo entrevistado, advogado, 36 anos: “Não existe um igual ao outro, são desenhos sempre diferentes”. A percepção dos diversos modelos e padrões são reflexos da expressão do gosto eclético de uma classe burguesa que no passado, investia nos modelos europeus, ou porque não dizer a liberdade proporcionada pela técnica da forja, empregada durante séculos, trabalhada a frio e a quente com plasticidade, desafiando seu caráter linear e gráfico (GOULARD, 2010).

A beleza visual dos guarda-corpos traduzidas pelos arranjos trançados e de variadas combinações levou a entrevistada, arquiteta, 27 anos, a considerar os guarda corpos “essenciais na composição das fachadas, pois esses componentes caracterizam o estilo eclético”. Como nos afirma Jones (1856), a variedade deve ser alcançada no arranjo construído das várias porções de design do que

na multiplicidade de formas variadas. Variações estas que se fazem presentes nos guarda-corpos das fachadas no CHB, a partir das linhas curvas com formas espiraladas, arranjos simétricos e formas em volutas.

Assim, os ornamentos ao longo da história se apresentaram com diversos significados. Para Jones (1856), por mais primitiva que seja a civilização de um povo, a vontade de ornamentar era forte e seu desejo de criar e ornamentar cresce à medida que as civilizações evoluem. Nesse contexto, percebe-se que os ornamentos se fazem necessários em nosso meio por diversas razões e sentidos.

Assim, o uso do ornamento tinha como propósito de realizar um efeito estético. Serviu de um amplo espectro social, de afirmação de status, sucesso econômico e fartura, ainda associado à abundância (FARRELL, 2005). Como nos afirma Goulard (2010), o ornamento não se apresenta de forma isolada, mesmo porque a materialidade e sua função estão relacionadas com arquitetura e objeto, e está sempre associado a algo mais, “para além da estética: suas implicações econômicas, políticas, sociais, morais, psicológicas” (GOULARD, 2010 p.34).

Ao questionar se haviam percebido os guarda corpos de ferro nas fachadas, os entrevistados responderam que sim com um índice de 93,6%, fato que se pode atribuir pela possível função estética que as grades de ferro empregam através do labor da forja ou fundição quer pela mão do artesão ou pelas técnicas industriais como expressão que se traduzem nos guarda-corpos de ferro das fachadas.

Este dado reforça o poder do ornamento de comunicar, de expressar sentidos pelos múltiplos signos representados em seus padrões e composições, das quais a técnica industrial se valeu pela combinação e uso de outros materiais como o ferro, ainda que de uso para fim estrutural, acabou por se valer de suas características plásticas e passou a ser utilizado segundo Silva (1986), com vantagem frente a outros materiais pela resistência e seus recursos ornamentais, dotado, portanto, de propriedades que possibilitaram produzir qualquer estilo, aliando funcionalidade e os propósitos ornamentais.

O guarda-corpo não possui só o apelo estético, mas de uso reconhecido, quando a entrevistada, professora, 57 anos, considera que eles “não só dão segurança, como compõem um belo visual”. Este entendimento pode estar associado com as transformações sociais que se apresentam no cotidiano da cidade, considerando assim, a segurança como forma de proteção a roubo, bem como exercer sua função primeira, de guardar o corpo. Como nos afirma Goulard (2010): “As grades são bens da arquitetura, compartilham de sua escala, cercando-a, envolvendo-a, delimitando-a, protegendo o homem, graciosamente”.

Ainda, dentre outras percepções sobre os guarda corpos, a mais poética se faz na expressão da entrevistada, estudante, 24 anos: “A primeira memória que tenho das casas antigas de Belém é de alguém olhando a cidade através da janela apoiada nos guarda-corpos”.

A percepção dos guarda-corpos como bem patrimonial vai além de sua materialidade e se insere, também, num contexto intangível, que permite não apenas delimitar o espaço público do privado, de proteger, mas de estabelecer um diálogo entre o externo e o interior da casa, numa perfeita conexão, extensão harmônica entre a casa e a rua.

Os guarda-corpos de ferro foram considerados pela população entrevistada como bem patrimonial, quase na sua totalidade, 94,4% os classificaram como tal. Isso nos leva a pensar que a compreensão da população sobre o que seja patrimônio está bem definida, afinal, patrimônio está presente no cotidiano

das pessoas, principalmente quando se refere ao patrimônio material, produzido pela mão humana, mas também podendo se referir ao imaterial, o intangível.

Para Gonçalves (2009), o patrimônio é uma construção histórica, transita em diferentes culturas, desde que se perceba as diferentes dimensões semânticas. Assim são os guarda-corpos, como bem patrimonial, que se traduzem em múltiplos sentidos com diferentes significados e são os sentidos semânticos percebidos por determinado grupo social que o requalifica como patrimônio histórico, artístico, econômico e arquitetônico.

Estes significados presentes nos guarda corpos, são representados por signos construtores de uma comunicação entre este objeto e seu observador; que segundo Ferrara (2000), é um sistema de ordem que comunica um código, que permite entender, avaliar e valorizar a cidade e assim, se constrói dentro do seu contexto que foi criado no passado e no tempo presente.

À medida que a cidade foi se transformando, novos elementos foram sendo incorporados, reconfigurando o espaço urbano, bem como a imagem construída nas fachadas históricas. Esta imagem logo percebida pelo homem, conduziu a um novo imaginário estabelecido entre o objeto e a população, que produz sentidos multissensoriais com diferentes percepções e atribuições de novos significados, gerados pelos sentidos relacionados a outros fatos que conduziram a diferentes informações sobre o mesmo objeto.

Este imaginário está associado à necessidade do homem de produzir conhecimento pela multiplicação dos significados, ao atribuir significados a significados (FERRARA, 2000) e foi a partir deste imaginário que o público descreveu as diferentes percepções sobre os guarda-corpos das fachadas das edificações do CHB.

Neste sentido que os guarda-corpos de ferro, como bem patrimonial, foram expressos pelos múltiplos sentidos, significados e valores atribuídos a eles pelos seus observadores, partindo de justificativas a partir de diferentes percepções, mas com a mesma intenção de valorização deste bem cultural como patrimônio.

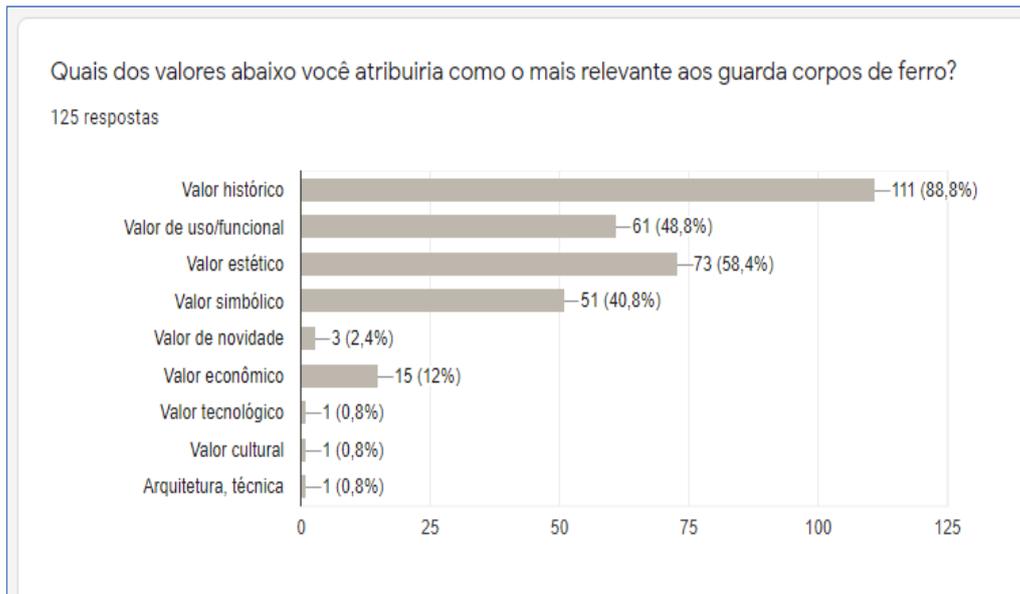
Valoração atribuída aos guarda-corpos de ferro: permanência e transformações.

Os valores construídos a partir da consciência e reconhecimento pelos entrevistados aos guarda-corpos de ferro, como bem integrado nas fachadas, se apresentam como dispositivo acionado na memória coletiva sobre um passado histórico e que resiste ao tempo e se faz testemunho no presente.

Dentre os valores atribuídos aos guarda-corpos, o valor histórico é o mais evidente por estar relacionado ao passado, que identifica o lugar, a sua história e às pessoas, como foi expresso pelo entrevistado, estudante, 19 anos: “Se é um bem construído em tempo remoto, não importa o que seja, será sempre uma parte de nossa história, nossa cultura”.

A valoração atribuída pela população aos guarda-corpos das fachadas nas edificações histórica de Belém se centrou numa escala de ordem decrescente que segue do valor histórico, estético (artístico), de uso / funcional e simbólico (Gráfico 1).

Gráfico I: Valores atribuídos pela população sobre os guarda-corpos.



Esses resultados demonstram que muitas leituras podem ser feitas a partir dos signos que revestem o bem integrado de ferro das fachadas. Interpretações geradas por diversos olhares sobre esse bem patrimonial, que reforça o seu valor histórico, assim como podemos observar neste estudo, o valor estético. Este último, nos remete ao tempo de embelezamento da cidade, de economia próspera, apoiados nos modelos europeus, e que foi reforçado na afirmativa da entrevistada, arquiteta, professora, 52 anos: “Registro de uma época e de uma cultura específica dos fins de XIX e início de XX, quando os ideais de beleza e cultura eram referenciados pela Europa”.

Portanto, neste sentido, podemos considerar que a imagem das fachadas históricas tece a paisagem arquitetônica do CHB, revelando por meio dos materiais construtivos e de ornamentação, a exemplo dos guarda-corpos de ferro, o período na história em que foram produzidos, marcando sua importância para formação da identidade da cidade.

O valor histórico atribuído aos guarda-corpos de ferro pelos entrevistados, parte de um entendimento sobre o objeto em relação a um período da história da cidade que segundo Riegl (2014) se apresenta como testemunho de uma época, de um estágio no processo de evolução do homem que pertence ao passado e como condição de testemunho exige a necessidade de preservação. Muitas vezes, o desejo de preservar é manifestado pelo sentimento de perda do bem cultural pelo mesmo fazer parte de um determinado momento na história da cidade como a *Belle Époque* e que se veem ameaçados de desaparecer e clama pela permanência dos remanescentes para as futuras gerações.

Para o entrevistado, historiador, 33 anos, o guarda-corpo “faz parte do conjunto de bens onde guarda uma história, memória e relações com o povo”. O valor histórico se manifesta sobre o bem cultural, segundo Riegl (2014), como testemunho de uma época que pertence ao passado e se faz memória no presente.

Por considerar o valor histórico do guarda-corpo, este deve ser preservado em bom estado de conservação, procurando manter suas características preservadas por longo período como reforçado na narrativa da entrevistada, arquiteta, 28 anos, ao considerar que se deve ter “manutenção frequente para que não sofra com as ações do tempo e possa ser mantido em boas condições

por um período maior” e afirma que “iniciativas de conservação e restauração bem como ações educativas para ensinar a importância histórica e simbólica deles à população”.

Para Riegl (2014), o bem, por ser testemunho de uma época, ser portador de uma dimensão documental deve ser preservado de modo permanente, constante, preventivo e não ter nenhum interesse em manter vestígios da degradação promovida pela ação da natureza. Este pensamento vem ao encontro da narrativa da entrevistada no desejo de ver os guarda corpos conservados e protegidos da ação do tempo.

O valor histórico exprime o sentimento de preservação, como revelado nas expressões dos entrevistados como do Ajudante de produção, 30 anos: “A arquitetura preserva a identidade histórica da nossa cidade”. Também reforçado por outro entrevistado, estudante, 29 anos, ao referir que “fazem parte do momento da Belle Époque e isso necessita ser preservado para futuras gerações”, apresenta uma ressonância de valoração histórica que remete à memória individual e coletiva de um passado no instante presente.

Para a entrevistada, estudante, 18 anos, ela afirma: “Eles representam uma parte da história e evidenciam um momento da cidade e merecem ser valorizados”; e para a entrevistada, psicóloga, 20 anos: “Por ser algo histórico, deve ser protegido”. No desejo de conservar o bem patrimonial como documento para futuras gerações e, pela relevância que o objeto testemunha historicamente, remete-se ao pensamento de Riegl (2014), que defende o objeto como portador documental e deve ser preservado o mais fiel possível ao seu aspecto original ao qual foi dado no momento de sua criação.

Também foi possível observar que o valor estético, de acordo com os resultados deste estudo, se apresenta como o segundo mais expresso pelos entrevistados, trazendo em suas falas a relevância dos guarda-corpos como bem integrado que embeleza a fachada das edificações históricas de Belém.

O impacto visual dos ornamentos de ferro causado no olhar do observador conduziu à valoração estética sobre o objeto, que é percebido na composição que forma os guarda-corpos. Segundo o entrevistado, arquiteto, 32 anos o guarda-corpo “(...) reflete a estética refinada da época abastada do ciclo da borracha” e deve ser conservado “(...) para não perder a sua beleza”. São desejos que se fazem expresso na interpretação dos entrevistados, que buscam a integralidade do objeto, mantendo-o conservado.

O valor estético do bem integrado atribuído pelo entrevistado está voltado para a materialidade que busca a preservação dos componentes ornamentais para manter a totalidade do bem integrado e sua estética. A atribuição deste valor se alinha ao pensamento de Brandi (2004) ao afirmar que a obra está sustentada em dois pilares, estético e histórico, e na restauração se deve privilegiar a instância estética, na intervenção sobre a matéria. Entretanto, vale ressaltar que os guarda-corpos de ferro são produtos da industrialização que com a função utilitária mesmo antes do estético, sua preservação segundo Brandi (2004), deve no ato da restauração estabelecer a funcionalidade do objeto.

O desejo de manter os ornamentos de ferro em bom estado de conservação está relacionado com o visual estético que o objeto pode proporcionar na paisagem arquitetônica, garantindo a leitura da imagem, pois na interpretação do entrevistado, arquiteto: “Já que se trata de um bem integrado, a sua ausência corresponde uma lacuna”. A falta de uma das partes do guarda corpo resulta numa lacuna que, para Brandi (2004) a matéria é o suporte para imagem e seu restauro garante a melhor leitura do objeto.

As narrativas sobre os valores estéticos relatadas pela população se alinham ao pensamento de Brandi (2004) ao sinalizar que se deve preservar o objeto sem comprometer o potencial estético e a leitura da imagem, constituída de muitos significados.

A expressão na fala do entrevistado, estudante, 27 anos, ao considerar que os guarda corpos: “são bens patrimoniais integrantes, principalmente por estarem nas fachadas históricas, e se removidos, vão comprometer o desenho da fachada”, demonstra a importância do guarda-corpo como elemento integrante do edifício e reforça o valor estético, por compreender que o bem integrado estabelece uma harmoniosa composição com um todo. Neste sentido, a ausência ou parte deste pode descaracterizar a paisagem estética da fachada. Portanto, a perda de parte ou total deste componente caracteriza uma lacuna na imagem por inteiro comprometendo sua unidade potencial (BRANDI, 2004).

O apelo estético dos guarda-corpos ressalta aos olhos dos entrevistados, porém ao longo do tempo, a imagem arquitetônica das fachadas tem se descaracterizado por diferentes interferências que vêm se construindo no cotidiano e comprometendo a leitura da paisagem urbana. A preservação da unidade por inteiro do bem integrado permite rememorar um tempo histórico ocorrido durante o processo de remodelação da cidade.

Os guarda-corpos de ferro permanecem presentes nas fachadas históricas, porém muitos destes apresentam sinais de envelhecimento pela ação do tempo, razões pela qual a entrevistada, engenheira, 26 anos, justifica: “Porque é antigo”. Esta afirmativa estabelece uma relação com o guarda-corpo como antigo por estar presente há séculos na fachada e até mesmo por apresentar sinais de envelhecimento. Essa definição de antigo ou mesmo de envelhecido expressa pela população se exterioriza por uma percepção ótica que exprime uma sensação de “velho”.

Podemos observar neste estudo, portanto, que os valores atribuídos pelos entrevistados, de acordo com os dados analisados, são na maioria os valores históricos e artísticos. Esses foram um dos principais valores dos quais Riegl (2014) se debruçou sobre a valoração dos monumentos, que para ele, se insere dentro de um processo histórico e evolutivo, nos quais procura compreender os processos que conduzem certo período ao atribuir determinados valores ao monumento, assim como o valor artístico não é absoluto, mas relativo, em processo constante, de valor presente. Isso leva a pensar na valoração do patrimônio da industrialização em processo constante de transformação.

No entanto, podemos perceber nos resultados adquiridos neste estudo que o valor sobre os objetos de procedência industrial se encontrava centrado no aspecto material. Entretanto, na contemporaneidade essa percepção se ampliou, considerando também, o significado que o objeto pode representar para a sociedade, assim exposto pelo entrevistado, professor, 35 anos, “como bem histórico, ele é patrimônio, carregado de significados” e pelo entrevistado, estudante, 22 anos, “(...) por terem sido construídos em uma época diferente na cidade de Belém, (...) tem um valor simbólico”.

Em análise às narrativas tecidas pela população de Belém sobre os valores atribuídos aos bens integrados industrializados, foi possível observar que transitam entre os clássicos e contemporâneos e vão ao encontro com o pensamento discutido pelos teóricos da preservação.

Outras interpretações valorativas sobre o patrimônio de procedência industrializada se manifestam entre os entrevistados. Esses valores se inscrevem na atualidade com análise mais aprofundada pautados nos valores contemporâ-

neos, a partir da interpretação subjetiva sobre a imagem urbana. A visualidade desta imagem se faz mais ou menos na medida que o usuário urbano estabelece uma relação mais familiarizada, cotidiana com os objetos que compõem a paisagem. Para Ferrara (2000), a imagem é percebida à medida que “é reconhecida, descrita e identificada”.

O valor simbólico é uma das interpretações valorativas sobre os guarda-corpos de ferro que se fortalece na fala dos entrevistados como da arquiteta 32 anos, ao referir que “são bens integrados ao patrimônio edificado que além de refletir a estética refinada da época abastada do período da borracha, são dotados de simbologia”. A população os reconhece como suporte de significados, são signos, que simbolizam algo, que está além do aspecto físico e do poder estético.

O valor simbólico no pensamento contemporâneo, em que Viñas (2010) redireciona o olhar para além do objeto e materialidade e provoca reflexões sobre os significados que representam aos olhos dos quem o pertencem, e se volta para a função que eles exercem para quem dele se utiliza. Para ele, o caráter subjetivo deve prevalecer ao objetivo na busca da verdade deste objeto e garantir o seu potencial simbólico.

A imagem do bem integrado, como já se referiu anteriormente, remete a múltiplos significados, portanto, carregado de traços subjetivos, interpretados por cada indivíduo que atribui a este, o valor simbólico. O elemento da cultura material significa algo que se traduz na interpretação de cada pessoa a partir de uma leitura personalizada. Como nos afirma Viñas (2010), os objetos são signos de aspectos intangíveis de uma determinada cultura, história, vivência, de uma identidade, privilegiados por um grupo social ou mesmo por uma só pessoa.

Assim, os guarda-corpos de ferro das fachadas das edificações do CHB guardam em si valores implícitos que foram projetados por seus habitantes.

Outro valor manifestado sobre os guarda-corpos de ferro foi o valor de uso expresso nas afirmativas dos entrevistados como do funcionário público, 24 anos, ao considerar que os guarda-corpos devem ser conservados, pois são:“(…) complementos para o conjunto arquitetônico e item de segurança”. Neste caso, a função utilitária, valor de uso atribuído deve estar voltado para o bem-estar físico do indivíduo. Para Brandi (2004), o valor de uso é uma das características fundamentais de sua teoria, pois para ele, está determinado pela utilidade que o objeto tem para o indivíduo, voltado a dar novamente eficiência ao produto e, conseqüentemente, estabelecer a condição funcional do objeto.

Neste sentido, a imagem dos guarda-corpos das fachadas é percebida pela população além das características estéticas, mas também pelo valor de uso. Como afirma o entrevistado, funcionário público, 27 anos, são “itens de segurança para as pessoas nas portas das edificações”. Qualquer que seja a função utilitária que os componentes tenham adquirido ao longo do tempo, pelos usuários, estão a cumprir a necessidade de quem dele faz uso (VIÑAS, 2010).

No entanto, esses usos devem ser adequados para os objetos. Observou-se durante a pesquisa que o uso a que se tem dado aos guarda-corpos é diverso do seu original, como por exemplo, suporte para placas de propagandas e máquinas condensadoras de ar se tornaram uma alternativa para atender a necessidade dos proprietários das edificações como recurso midiático, que é uma ação de efeito danoso, na qual invisibiliza o bem integrado da fachada e compromete a característica arquitetônica da cidade.

Para Riegl (2014), os valores de uso devem atender às necessidades materiais do homem, bem como para Viñas (2010), que está determinado pela

utilidade que o objeto tem para cada usuário, o mesmo objeto pode cumprir funções distintas para diferentes pessoas, mas com cautela e adequação.

Observamos também neste estudo, que a população exprime a vontade da manutenção permanente dos guarda-corpos, necessário para mantê-lo em bom estado de conservação e que se apresentem sempre com aparência de novo, como sinaliza a entrevistada, arquiteta, 28 anos, ao perceber que os guarda-corpos devem ter “manutenção frequente para que não sofra com as ações do tempo e possa ser mantido em boas condições por um período maior”.

Assim reforça a entrevistada, empreendedora, 27 anos, ao expressar que: “é uma estrutura exposta ao sol e chuva, então uma manutenção com tratamento anticorrosivo é essencial”. Bem como o entrevistado, bacharel em direito, 29 anos, sugere “pintura periódica e específica para esse tipo de material” ou ainda, como o entrevistado, gerente, 29 anos, indica que haja “pintura e revitalização constante”.

O valor atribuído sobre ao guarda-corpo tem o anseio de assegurar sua integralidade e beleza e faz ressaltar o valor de novidade, que para Riegl (2014) os traços de degradação devem ser eliminados, ganhando aspecto original a partir da reconstrução de sua forma e cor e conseqüentemente, excluindo os sinais de envelhecimento. Isso vem ao encontro do que expressa o entrevistado, empresário, 45 anos, afirma que se deve “pintar com uma pintura chamativa!” remetendo a algo, com brilho, que salte aos olhos do observador pelo seu aspecto de beleza e novo, recém-construído.

Podemos assim, observar que os valores como o histórico e artísticos permanecem e atravessaram o tempo para o reconhecimento do bem patrimonial de procedência industrializada, mas que ao longo do tempo, ocorreram transformações e outros valores surgiram e se incorporaram ao bem integrado com sentido mais subjetivo, como o simbólico, produzindo, assim nova forma de pensar e valorizar o patrimônio, potencializando o objeto segundo Viñas (2010), como suporte de informações com potencial simbólico que ganharam função-signo e se deve preservar para as futuras gerações.

Conclusões

Neste estudo podemos concluir que os guarda corpos de ferro, remanescentes dos séculos XIX e XX, embora em constante ameaças pela ação do tempo e antrópica, permanecem presentes na contemporaneidade e resistem aos processos de mudança ocorridas na cidade e, como bem patrimonial se tornou um elemento dinâmico à medida que adquiriu novos sentidos e funções. Neste sentido foi possível observar neste trabalho que os guarda-corpos de ferro em forja, patrimônio proveniente da industrialização, presentes na maioria das fachadas das edificações nos bairros da Campina e Cidade Velha, no CHB se encontram em constante ressignificação.

Foi observado que a maioria da população participante deste estudo percebeu os guarda-corpos como elemento integrante na paisagem arquitetônica e o consideraram um bem patrimonial, baseado nos significados e nos valores que representam para a identidade da cidade e de sua população.

Os principais valores atribuídos aos guarda-corpos, ornamentos das fachadas, foram os valores históricos, artísticos, de uso e simbólico, tidos como os mais importantes, dentre de uma ordem de escala decrescente. Esses dados nos fizeram concluir que os valores atrelados aos guarda corpos de ferro vão além dos valores históricos e artísticos, estão para além da materialidade do objeto.

Estes valores revelados pelos entrevistados despertam o sentimento da necessidade de preservação do bem patrimonial para as futuras gerações, conservando a sua materialidade para fortalecer seu potencial simbólico, uma vez que todo objeto pode exercer sua função signo (Viñas, 2010) que se traduzem em novos significados.

Neste processo de perceber o espaço urbano e realizar leitura da paisagem arquitetônica através dos signos, concluímos que o estudo de público, possibilitou perceber a visão da população sobre o bem integrado a partir de diferentes interpretações e atribuições de valores que os afastam da condição de meros espectadores passivos e passam a condição de agentes participativos do que se deve conservar como patrimônio para as futuras gerações.

Frente ao processo dinâmico e acelerado da economia e do aumento populacional, o espaço urbano, as edificações e seu entorno vêm acompanhando as mudanças exigidas pelos seus usuários em adaptação às necessidades materiais e com isso, esses espaços ganharam novas configurações. Mesmo diante desta realidade, percebemos que os guarda corpos não deixaram de ser percebidos pela população entrevistada.

A atribuição dos valores históricos e artísticos aos guarda-corpos de ferro se fizeram valer como principais valores escolhidos, porém os valores da atualidade, contemporâneo, como o simbólico e de uso foram expressos pelos entrevistados.

Concluímos que os valores atribuídos pelos entrevistados aos guarda-corpos transitaram entre os valores clássicos e contemporâneo, o que nos fez perceber que tanto os valores históricos, artísticos, simbólico e de uso dialogam com o pensamento dos teóricos da preservação e que os valores do presente estão pautados no passado com perspectivas futuras para conservação do patrimônio de procedência industrializada. Embora as transformações e perdas que os guarda-corpos presentes nas fachadas nas edificações do CHB vêm sofrendo, não foram suficientes para impedir que a população percebesse o valor e o potencial arquitetônico dos elementos integrados como bem patrimonial e de ser passivo de restauração, estimulando, assim, o desejo de preservação, conservando o bem cultural a fim de potencializar o seu valor simbólico para futuras gerações.

Neste trabalho podemos concluir, portanto, que os dados apresentados pelo estudo de público e as análises bibliográficas dos estudos teóricos da restauração do patrimônio em referência aos valores atribuídos aos guarda-corpos de ferro forjado, como bem integrado nas fachadas das edificações do CHB, contribuíram para compreender a percepção que a população possui em relação ao bem integrado e nortear os estudos das futuras intervenções, levando em consideração as tomadas de decisões técnico-científicas, e também, apoiado nas representações significativas e na valoração destes componentes da arquitetura industrial por quem dele faz uso, no intento de salvaguardar para as próximas gerações.

Referências

BRANDI, Cesare. *Teoria da restauração*. Tradução Beatriz Mugayar Khul. 1ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

COSTA, Cacilda Teixeira da. *O sonho e a Técnica: a arquitetura de ferro no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

FARRELL, Gavin R. *Ornament: semantics and tectonics for contemporary urban architecture*. 2005. 172 f. Dissertação (mestrado), School of architecture and interior design in the college of DAAP, University of Cincinnati.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *Os significados urbanos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.

GOULARD, Fernanda Guimarães. *Urbano ornamento: Um inventário das grades ornamentais em Belo Horizonte (e outras belezas)*. 2014. 302 f. Tese (Pós-graduação), Escola de arquitetura, Programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo, Universidade de Minas Gerais.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria do pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário [Orgs.]. *Memória e Patrimônio: Ensaio contemporâneos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lampor, 2009, p. 25-33.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUMBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de educação patrimonial*. Brasília: Museu Imperial/DEPROM, IPHAN, 1999.

JONES, Owen. *The grammar of ornament*. London: ed. Day and Sun, 1856.

KHUL, Beatriz Mugayar. Intervenções arquitetônicas: impactos urbanos. In: CYMBALISTA, Renato; FELDMAN, Sarah; KHUL, Beatriz M. [orgs.]. *Patrimônio Cultural: memórias e intervenções urbanas*. 1ª ed. São Paulo: ed. Annablume, 2017.

KÜHL, Beatriz Mugayar. *Preservação do Patrimônio da Industrialização: problemas teóricos de restauro*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

KÜHL, Beatriz Mugayar. *Arquitetura do Ferro e Arquitetura Ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a sua Preservação*. São Paulo: Ateliê Editorial: Fapesp: Secretaria da cultura, 1998.

PAIM, Gilberto. *A beleza sob suspeita: o ornamento em Ruskin, Lloyd Wright, Loos, Le Corbusier e outros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2000.

RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem*. tradução Werner Rothschild Davidsohn, Anat Falbel. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. 3ª ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.

SILVA, Geraldo Gomes da. *Arquitetura do Ferro no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1986.

VIÑAS, Salvador M. *Teoría Contemporánea de la Restauración*. Espanha: Editora Síntesis, 2010.

VOLPATO, Gilson Luiz. *Método lógico para redação científica*. Botucatu: Best Writing, 2011.

Anexo I – Questionário para coleta de dados

Questionário sobre os guarda-corpos de ferro forjado do Centro Histórico de Belém.

Os diferentes olhares sobre os guarda corpos de ferro forjado do Centro Histórico de Belém.

Os guarda corpos de ferro forjado nas edificações do Centro Histórico fizeram parte da reestruturação urbana durante o período da borracha e permanecem presentes como testemunho da história da cidade. Diante deste contexto, o questionário desenvolvido nesta pesquisa busca conhecer os valores atribuídos pela população sobre este bem cultural integrado.

Profissão/Ocupação?

Escolaridade

- Ensino Fundamental completo
- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Médio incompleto
- Nível superior completo

Qual a sua idade?

Você costuma frequentar o centro histórico de Belém?

- Sim
- Não

Com que frequência você visita o centro histórico de Belém?

- Muita frequência
- Pouca frequência
- Quase nunca

Quais os componentes de ferro integrado na fachada das edificações histórica que mais chama sua atenção?

- Calha
- Duto Vertical
- Guarda-corpo
- Pingadeira
- Bandeira
- Óculo
- Outro

Os guarda corpos são bens integrados na arquitetura da cidade e empregados nas fachadas das edificações históricas durante o período da remodelação da cidade no ciclo da borracha.

Você já havia percebido os guarda corpos de ferro nas fachadas dos prédios históricos?

- Sim
- Não

Você considera os guardas corpos de ferro um bem patrimonial?

- Sim
- Não

Justifique sua resposta anterior

Quais dos valores abaixo você atribuiria como o mais relevante aos guarda corpos de ferro?

- Valor histórico
- Valor de uso/Funcional
- Valor estético
- Valor simbólico
- Valor de novidade
- Valor econômico

O que você considera necessário para preservar os guarda corpos de ferro?

*Recebido em junho de 2022.
Aprovado em novembro de 2022.*